



Evento: XXI Jornada de Extensão

TEORIZAÇÕES CRÍTICA E PÓS CRÍTICA: POSSIBILIDADES DE UMA AVALIAÇÃO HUMANIZADORA¹

CRITICAL AND POST-CRITICAL THEORIZATIONS: POSSIBILITIES OF A HUMANIZING
EVALUATION

**Ilse Maria Dahmer Schardong, mestranda do PPGEC/UFFS/Cerro Largo. Neusette
Machado Rigo, docente do PPGEC/UFFS/Cerro Largo.**

RESUMO

Nesse estudo objetivamos refletir como as concepções avaliativas podem contribuir na formação de um tipo de sujeito. Esse estudo constitui-se em uma pesquisa bibliográfica, tendo como campo de análise autores como Tadeu Tomaz da Silva (2005) e Alice Casimiro Lopes (2008) os quais, trazem discussões sobre as teorizações críticas e pós-críticas. Do mesmo modo, nessa pesquisa de cunho exploratório, traremos discussões e estudos relacionados às concepções avaliativas tradicional, crítica e pós-crítica dos estudos de Luckesi (2011), Esteban (2013) e Saul (1995). As análises e reflexões apontam que um currículo escolar, no qual, a concepção avaliativa tem como pano de fundo as teorizações crítica e pós-crítica, contribui para a formação de um sujeito ativo no seu processo de aprendizagem. Além disso, há respeito e valorização às diferenças e à multiculturalidade que constitui o sujeito.

Palavras-chave: Concepções teóricas. Práticas avaliativas. Sujeito.

INTRODUÇÃO

Compreender de que forma uma instituição escolar se constitui dentro das suas muitas representações, entre elas, o espaço físico, organização temporal, hierárquica e curricular, provavelmente, tenha sido um dos maiores desafios para os professores da educação básica. E ainda, compreender a importância que estas representações tem na vida de cada aluno, torna-se ainda mais desafiador, pois segundo Luckesi (2011, p. 29), “um objetivo fundamental na prática educativa é propiciar condições para que cada educando se torne um sujeito”. Se as práticas educativas possuem tal significação na constituição do sujeito, então há que se considerar que as perspectivas curriculares presentes no ambiente escolar, afetam o desenvolvimento do mesmo.

¹ Este trabalho decorre dos estudos realizados no CCR- Currículo: História, Políticas e Pesquisas PPGEC-UFFS-Cerro Largo.



Nesse sentido, esse estudo se propõe a refletir sobre a avaliação da aprendizagem tomando como pano de fundo as teorizações curriculares discutidas por Tomaz Tadeu da Silva (2005), quais sejam: teoria tradicional, crítica e pós-crítica. Acredita-se que as teorizações que perpassam as avaliações escolares desempenham papel importante na formação do sujeito, pois tanto as relações sociais, afetivas, emocionais, quanto as abordagens e escolhas sobre o conhecimento e as práticas avaliativas que fazem parte do currículo escolar, subjetivam os alunos e professores. Assim, o objetivo desse estudo é refletir sobre como a avaliação pode contribuir para a construção de uma perspectiva curricular crítica ou pós-crítica para promover uma formação humana preocupada com a emancipação e a possibilidade das diferenças existirem.

METODOLOGIA

Esse estudo pode ser reconhecido, quanto a sua natureza, como uma pesquisa bibliográfica, e ao seu objetivo, como exploratória, considerando discussões sobre a avaliação da aprendizagem em relação às teorizações curriculares. Compreendemos aqui, a pesquisa bibliográfica como aquela que se utiliza de “[...] categorias teóricas trabalhadas por outros pesquisadores [...] das contribuições dos autores dos estudos analíticos, constantes dos textos” (SEVERINO, 2007, p. 122). Como pesquisa exploratória, Severino (2007) sugere o levantamento de um conhecimento sobre determinado objeto para mapear as condições de manifestação deste.

Assim, para o campo do currículo, elegemos especialmente os estudos de Tadeu Tomaz da Silva (2005) e Alice Casimiro Lopes (2008), no que tange sobre as perspectivas curriculares crítica e pós-crítica, como possibilidade para repensar as práticas avaliativas tradicionais. Em relação à avaliação, buscamos nos estudos de Luckesi (2011), Esteban (2013) e Saul (1995) concepções de avaliação que se identificam com uma visão qualitativa para tomá-las como fundamentos para pensar uma avaliação mais humanizadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um primeiro momento, precisamos perceber a escola como um espaço onde circulam um grande número de pessoas, com diferentes níveis de conhecimento, culturas e subjetividades, e também, que a ação de todos compõe o currículo escolar, o qual, pouco a



pouco vai influenciando na formação das crianças e dos jovens. Segundo Luckesi (2013, p.35), “nesse contexto, importa ter presente que os currículos escolares com tudo aquilo que os compõem, serão mediadores do processo de desenvolvimento e da construção do educando como pessoa, e conseqüentemente, como cidadão”. Conforme Silva (2005), o currículo é um discurso que produz sujeitos e ao mesmo tempo é produzido pelas relações de poder e pelas diferentes culturas que disputam espaço e poder.

A organização política, econômica e cultural da sociedade se altera, se modifica e se reestrutura frequentemente, e a escola necessita acompanhar estas mudanças. Nesse sentido, Silva (2005) e Lopes (2008), pesquisadores das teorizações crítica e pós crítica, levantam preocupações acerca das relações estabelecidas entre sociedade e currículo escolar. Silva (2005) e Lopes (2008) discutem que um currículo que tenha um olhar para a sociedade atual, precisa estabelecer relações escolares que possibilitem a formação de um cidadão capaz de interagir com a diversidade cultural que o cerca, respeitando as subjetividades e individualidades. Nessa perspectiva, Esteban (2013) afirma que “nenhuma discussão curricular pode negligenciar o fato de que aquilo que se propõe e que se desenvolve nas salas de aula dará origem a um processo de avaliação” (p.119). Para esta pesquisadora, a avaliação é parte integrante do currículo, na medida que se integra no processo pedagógico contribuindo na formação do cidadão.

Essas compreensões sobre currículo, apresentadas por Silva (2005), são importantes para pensarmos sobre a avaliação escolar e as práticas avaliativas propostas pelos professores. Por isso, questionamos sobre: como elas podem integrar um currículo produzindo efeitos nos alunos, constituindo experiências pedagógicas, e conseqüentemente, sua subjetividade?

Quando um professor trabalha seguindo uma perspectiva curricular tradicional, ele ignora o processo de construção do conhecimento e valoriza somente os resultados obtidos de modo quantitativos, impactando diretamente sobre o aluno. Nesta perspectiva curricular, Silva (2005) destaca que os alunos que sempre tem um parecer bom, ou seja, uma nota boa, passarão a se habituar com o êxito, com a conquista, e acreditarão que eles podem conquistar tudo o que desejam. Ao contrário, aqueles alunos que não conseguem atingir a quantidade esperada, tanto por parte dele, quanto pelos professores e pelos pais, com o tempo acabam por se desestimular, perder a confiança em si próprio. A perspectiva desse aluno é a perda de interesse pelo aprender e a crença de que ele não é capaz, pois, ele terá a impressão, que, por mais que ele queira e se esforce, dificilmente atingirá o patamar esperado. No entanto, para alterar essa lógica, segundo



Esteban (2013, p.108), “não se trata de, simplesmente, mudar de linha metodológica nem de abolir os ‘instrumentos’ de avaliação, como provas e testes, classificando-os como promotores de exclusão”, trata-se sim, de algo mais significativo. Portanto, seria muito mais propositivo que os processos avaliativos proporcionassem a possibilidade de dar sentido aos conhecimentos e à própria formação escolar, considerando o processo de desenvolvimento e de aprendizagem que o aluno percorre para apresentar suas compreensões conceituais.

Quando a perceptiva curricular avaliativa está pautada em um processo de avaliação emancipatória, de cunho crítico, conforme Saul (1995), trabalha-se com a possibilidade do aluno que faz, refaz, acompanha e reconstrói suas aprendizagens em um processo no qual o professor é o facilitador. Mas não só isso, porque ele precisa provocar, desestruturar e desafiar o aluno a retomar seu pensamento para (re)construir a aprendizagem. Nessa perspectiva, pautada no conceito de que “o paradigma de avaliação emancipatória se caracteriza como um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando transformá-la” e “os conceitos básicos envolvidos nessa proposta são: emancipação, decisão democrática, transformação e crítica educativa” (SAUL, 1995, p. 61), estaremos contribuindo para o desenvolvimento de uma formação mais humana e cidadã.

Assim, outros autores, como Lopes (2008), também preocupados com os movimentos que acontecem nas escolas, refletem sobre teorizações curriculares que buscam focar no aluno como um ser em constante formação e desenvolvimento. Há que se reconhecer que o currículo escolar não é neutro. Segundo Silva (2005) e Lopes (2008) teóricos contemporâneos “as teorias críticas e pós críticas de currículo estão preocupadas com as conexões entre saber, identidade e poder” (SILVA, 2005, p.17), e são importantes para os professores, para desafiar a mudar a postura dos mesmos frente à avaliação escolar. Para Esteban (2013, p. 29), “as críticas aos modelos hegemônicos de avaliação não significam negação da relevância da avaliação [...], é sua importância e seu intenso movimento que me mobilizam a participar desse processo de ressignificação de seu sentido e de suas práticas cotidianas”. Então, ao pensar que a avaliação escolar deva atingir outros patamares, outras dimensões, na qual o aluno seja estimulado a pensar sobre o que está aprendendo, perguntar, criticar, expressar suas opiniões, estaremos no caminho de sugerir um tipo de avaliação identificada com o campo teórico curricular crítico e pós-crítico e, principalmente, em uma teorização que estimule e contribua para o desenvolvimento integral do aluno.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorizações críticas e pós-críticas vêm para instigar uma reflexão sobre como está acontecendo a avaliação escolar. As críticas nos alertam sobre como o poder e controle da avaliação tradicional de cunho classificatório sobre a aprendizagem do aluno podem limitar o seu pensamento, e as pós-críticas sugerem que prestemos mais atenção às diferenças, às questões culturais e aos diversos modos de pensar e interpretar o mundo e a vida que o aluno pode apresentar. Nessa perspectiva, percebemos que a avaliação identificada na teoria curricular tradicional não se justifica mais nos dias atuais, visto que as diferenças e a multiculturalidade está cada vez mais presente.

Por isso, sugere-se que o professor faça um estudo profundo sobre as teorizações curriculares crítica e pós crítica e os processos avaliativos imbricados em cada qual, para assim compreender que um currículo baseado na subjetividade do aluno, que respeita as diferenças, irá contribuir para formação de um cidadão mais consciente de sua postura no mundo e, conseqüentemente, comprometido com os processos de humanização necessários para a vida coletiva na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTEBAN, M. T. **Escola, currículo e avaliação**. 4. ed. V.5-São Paulo: Cortez, 2013.

LOPES, A. R. C. **Políticas de integração curricular**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LUCKESI, C. C. **A avaliação da aprendizagem componente do ato currículo**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória: desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SEVERINO, A. J. **Metodologia dos trabalhos científicos**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Disponível em: <https://sites.google.com/site/teoriasdec curriculo/home/livro> Acesso em: jun. 2021.